

O CONSELHEIRO EUCLIDIANO ANTERIOR A OS SERTÕES: O BEATO DE BELO MONTE NAS PÁGINAS DO DIÁRIO DE UMA EXPEDIÇÃO E DA CADERNETA DE CAMPO¹

Angela Gutiérrez² (UFC)

Artigo recebido em: 11/11/2009
Aceito para publicação: 21/12/2009

RESUMO

Em seus escritos sobre Canudos, especialmente nas reportagens que compõem o **Diário de uma expedição**, e em algumas passagens de sua **Caderneta de campo**, Euclides ensaia traços que servirão de esboço para o retrato de Antônio Conselheiro que o escritor apresentará em **Os sertões** e que se fixará no imaginário brasileiro, constituindo-se como modelo ou antimitelo para inumeráveis textos literários e artísticos, especialmente romances, sobre o beato de Belo Monte.

Palavras-Chave: Euclides da Cunha. Antônio Conselheiro. **Diário de uma expedição. Caderneta de campo. Os sertões.** Canudos.

RESUMEN

En sus escritos sobre Canudos, sobretudo en los reportajes que vienen a componer el **Diario de una expedición**, y, en algunos pasajes de su **Caderneta de campo**, Euclides ya ensaya rasgos que formarán el esbozo del retrato de Antonio Consejero que el escritor presentará en **Los sertones** y que permanecerá en el imaginario brasileño y extranjero, constituyéndose como modelo o antimitelo de innumerables textos literarios y artísticos, especialmente novelas, sobre el beato de Belo Monte.

Palabras-llave: Euclides da Cunha. Antonio Consejero. **Diario de una expedición. Caderneta de campo. Los sertones.** Canudos.

¹ Este artigo constitui parte de pesquisa em andamento, intitulada "O retrato do Conselheiro: as múltiplas faces do beato de Belo Monte", que se realiza, atualmente, em estágio pós-doutoral na UFMG, sob supervisão do Prof. Dr. Wander Melo Miranda.

² Profa Dra Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez, Prof. Associado do Departamento de Literatura e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFC.

“Antônio Conselheiro, espécie bizarra de grande homem pelo avesso, tem o grande valor de sintetizar admiravelmente todos os elementos negativos, todos os agentes de redução do nosso povo.” (CUNHA, 2000, p.89) Com essas palavras, Euclides da Cunha refere-se a Antônio Conselheiro, pela primeira vez, explicitamente, em texto publicado, esboçando os traços iniciais do retrato que desenhará do beato de Belo Monte em **Os sertões**.

Embora os primeiros textos euclidianos a versarem sobre Canudos tenham sido os artigos intitulados “A nossa Vendéia” - o primeiro, publicado em 14 de março de 1897 e o segundo, em 17 de julho do mesmo ano, no jornal **O Estado de São Paulo** -, somente depois de encontrar-se há mais de uma semana na capital baiana, como correspondente de guerra do citado jornal paulista, Euclides começa a construir uma imagem *escrita* do líder que, na época, assombrava a nação. Na quinta reportagem que envia da Bahia ao jornal paulista, datada de 15 de agosto de 1897, ao emitir a opinião acima transcrita, Euclides já conversara, em seus primeiros dias em Salvador, com prisioneiros de guerra, combatentes feridos, gente da cidade e do interior, colegas militares e jornalistas. No entanto, a frase mencionada não descreve, ainda, o retrato histórico possível, naquele momento, do Conselheiro: traça-lhe, antes, um esboço teórico, acordante com os princípios das ciências fin-de-siécle que Euclides, como grande parte da *intelligentzia* brasileira da época, abraçava e com as opiniões sobre os jagunços que já expressara nos artigos “A nossa Vendéia”.

A 19 de agosto, alguns dias depois de sua primeira referência na imprensa ao Conselheiro, o jornalista conhece Agostinho, jagunço adolescente levado de Canudos a Salvador pelo Coronel Teles. Tendo participado do interrogatório a que o jovem é submetido, Euclides transcreve, em sua reportagem do mesmo dia, as respostas do menino, que contradizem muitas de suas idéias, mas que lhe inspiram crédito, como revela em parágrafo final da reportagem: “Estas revelações feitas diante de muitas testemunhas têm para mim um valor inestimável; não mentem, não sofismam e não iludem, naquela idade, as almas ingênuas dos rudes filhos do sertão.” (CUNHA, 2000, p.111)

Depois de comentar as respostas de Agostinho sobre “as figuras preponderantes que rodeiam o Conselheiro e, tanto quanto o pode perceber a sua inteligência infantil, a vida em Canudos” (CUNHA, 2000, p.105), Euclides registra, não sem espanto, pois muito divergiam daquelas até então divulgadas pela imprensa nacional, as descrições do menino sobre Antonio Conselheiro:

[...] ao invés da sordidez imaginada dá o exemplo de notável asseio nas vestes e no corpo. Ao invés de um rosto esquelético agravado no aspecto repugnante por uma cabeleira mal tratada onde fervilham vermes – emolduram-lhe a face magra e macerada, longa barba branca, longos cabelos caídos sobre os ombros, corredios e cuidados. (CUNHA, 2000, p.107-108)

Ao fazer o registro, o jornalista filtra as declarações do menino através de suas próprias palavras e já estabelece o contorno antagônico de seu desenho definitivo do Conselheiro, oscilando entre as informações colhidas entre os ‘de fora’ – sobretudo, jornalistas e militares-, e o depoimento de alguém ‘de dentro’. Ainda baseado na fala do menino, Euclides refere-se ao respeito que todos os habitantes do arraial dedicam a Antônio Conselheiro - seja no Santuário, abrigo do beato, onde todos ficam “descobertos, olhos fixos no chão”, seja quando o Conselheiro sai pelo arraial, “envolto em túnica azul inseparável” e coberto “de amplo chapéu de abas largas e caídas, de fitas pretas”. Refere, também, seu “domínio absoluto” sobre os habitantes do arraial, enfatizando, que suas ordens são “cumpridas religiosamente. Algumas são crudelíssimas e patenteiam a feição bárbara do maníaco construtor de cemitérios e igrejas” (CUNHA, 2000, p.108), sempre descrevendo de modo contrastivo as características que enxerga no Conselheiro: religiosidade x crueldade, barbárie doentia x ações comunitárias ‘civilizadas’.

Quanto à questão dos propalados milagres do Conselheiro, o jornalista resume a resposta de Agostinho: “Não os conhece, não os viu nunca, nunca ouviu dizer que ele fazia milagres” e transcreve o diálogo final da entrevista com o menino jagunço:

“- Mas o que promete afinal ele aos que morrem? A resposta foi absolutamente inesperada.

- Salvar a alma.” (CUNHA, 2000,p.110-111)

Ao mesmo tempo em que Euclides escreve as reportagens e os telegramas que envia ao jornal **O Estado de São Paulo**, produz uma outra escrita mais livre, sua **Caderneta de campo**, que se destina a si mesmo como leitor, uma espécie de *aide-mémoire*, onde anota tudo que lhe fira a sensibilidade e que possa ser usado posteriormente no livro que, desde o momento em que aceitara a função de correspondente de guerra em Canudos, já anunciara que pretendia escrever³.

Em 1975, com apoio do MEC, via Instituto Nacional do Livro, Olímpio de Souza Andrade, que já se firmara como estudioso da obra euclidiana⁴, organiza a publicação, da **Caderneta de campo** de Euclides da Cunha, anteriormente doada por José Carlos Rodrigues ao Instituto Histórico e Geográfico de Brasil – IHGB, responsabilizando-se

³ A respeito dessa intenção de Euclides, Walnice Galvão reproduz telegrama de Júlio Mesquita ao Presidente Prudente de Moraes, em que o diretor d'**O Estado de S. Paulo** diz: “[Euclides] quer prestar serviços à República e preparar elementos para um trabalho histórico” (GALVÃO, 2000, p.13)

⁴ Ver, de sua autoria: **História e interpretação de Os sertões**. São Paulo: Edart, 1960 (com outras reedições); **Antologia da obra de Euclides da Cunha**; estudos, notícias, comentários, vocabulário. São Paulo/Rio, Edições Melhoramentos, 1966; **Canudos e inéditos**: introdução geral, seleção, cronologia e apresentações finais. São Paulo/Rio: Edições Melhoramentos, 1966; **Euclides e o espírito de renovação**; palestras pronunciadas em São José do Rio Pardo, em 1960 e 1966. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1967; Introdução. In: CUNHA, Euclides da. **Obra completa**. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1966; Seleção, introdução, notícias, vocabulário de duas mil palavras. In: CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1970; entre outros.

por introdução, notas e comentários ao texto. A importância desse documento, que estivera inédito por quase oitenta anos, é enfatizada no próprio estudo introdutório ao texto, intitulado “Um caderno de bolso de Euclides em Canudos – Nascedouro de **Os sertões**”, quando Olímpio Andrade considera a mencionada caderneta como “nascedouro” ou “fonte primária” de **Os sertões** e, ainda:

[...] fonte de inexcédível valia para os estudos brasileiros em geral, para as pesquisas lingüísticas e estilísticas, inclusive pelo que reúne em matéria de palavras e expressões usuais no sertão, em muitas das quais reencontramos os arrojados dos nossos Guimarães Rosa. Apresenta-se particularmente valioso para o conhecimento do estilo e do método de trabalho do escritor; (ANDRADE, 1975, p.xvii - xviii).

Se a **Caderneta** é, sem dúvida, “o nascedouro” de seu livro maior, nela, Euclides, também, já delineia traços de seu grande personagem, Antônio Conselheiro. Embora as referências ao beato não sejam abundantes nesse documento, constituem esboços marcantes para a primeira versão dos traços do beato que, logo, transmigram, mais elaborados, para as reportagens que compõem o **Diário**.

No entanto, algumas importantes referências ao Conselheiro anotadas na **Caderneta** não se transferiram às reportagens, hoje reunidas no **Diário**, possivelmente porque interessavam maiormente ao livro a ser escrito do que à correspondência de guerra. Exemplificamos, extraindo essas referências da **Caderneta**: transcrição de carta de um habitante de Belo Monte, ao que tudo indica escrita em dezembro de 1896: “O Concelheiro disse 3 vezes q. o q. morreu no bello Monte ele agarante a salvação [...] O Concelheiro está enterecado q. voceis *venhão*” (p.21); passagem em que Euclides relata a notícia da morte do Conselheiro, através da fala de Bernabé José de Carvalho, em discurso direto e em discurso indireto livre: “Logo me apareceu um febrão. Conselheiro morrera quarta-feira 22 de setembro. Foi de doença. Foi enterrado encostado ao Santuário ou dentro do próprio santuário. Houve grande choro na quarta-feira quando morreu Conselheiro, a seguir informações sobre os líderes e outros habitantes de Belo Monte” (p.22); transcrição de poesia popular: dois ABC’s: a “Lei de Deus x lei do Cão” (que ressalta a figura do Conselheiro como salvador) e o ABC da incredulidade (que conta a batalha de Belo Monte “Cos homem civilizado/Que vinhero brigá com Deus”, em que Moreira César é pintado como “... este homem disordero/Que so querem pirsigui/O nosso Deus verdadeiro); outra carta de jagunço, datada de 21 de abril de 1897, - falando da vitória sobre a terceira expedição, “creio que findou as perseguições aqui, no Belo Monte, por três vezes muito fortes, porém tudo venceu o Senhor Bom Jesus, ficando touda a munição dos nossos contrários par test^o” (p.72); uma cópia de famosa profecia encontrada em

várias versões no arraial:

Então na hora nona discançando no monte das Oliveira um dos seus apóstolos pergunta-lhe – Senhor para o fim desta idade que sinaisvós deixais? Ele respondeu: Muitos sinais na Lua, no Sol e nas Estrelas; e faltará a luz nos homens. Há de aparecer um anjo mandado por meu Pai terno pregando sermão pelas portas, fazendo Povoações nos desertos, fazendo Igrejas e Capelinhas e dando seus conselhos. Muitos acreditarão e muitos dismoralizarão seus preceitos; e daí há de aparecer muitos contra ele desdizendo a sua Doutrina [...] (CUNHA, 1975, p.73)

Nos textos acima citados, fica patente a adesão de seus autores ao Conselheiro e a fé em seus poderes, a um tempo em que o “homem civilizado” é visto como invasor da terra nordestina e inimigo de Deus.

Anteriormente à sua ida à Bahia, nos artigos intitulados “A nossa Vendéia”, embora Euclides não se refira especificamente ao Conselheiro, já delinea a algumas idéias que entrariam posteriormente na composição do retrato do beato.

No primeiro artigo, que escreve sob o impacto da derrota da Expedição Moreira César, justificando seu título, compara o *chouan* e o *tabaréu*, em dois pontos essenciais: a interação de ambos com o solo e o fanatismo religioso “aproveitado pelos propagandistas do império” (CUNHA, 2000, p.51). Dessa maneira, a terra torna-se aliada dos chouans e dos sertanejos nos embates contra os exércitos, assim como a crença na religião impulsiona a “coragem bárbara” de que se revestem (CUNHA, 2000, p.43).

No segundo artigo “A nossa Vendéia”, de 17 de julho, à época dos preparativos da 4ª expedição, a que, posteriormente, se agregaria em dupla função de membro do Estado Maior do Ministro da Guerra, General Bittencourt, e correspondente de guerra do jornal **O Estado de São Paulo**, Euclides ressalta, entre as estratégias de luta comuns a chouans e jagunços, a “tática de fuga”, que transforma “os adversários impalpáveis da Vendéia” em “heróis intangíveis que se escoando céleres através das charneças prendiam as forças republicanas em inextricável rede de ciladas...” (CUNHA, 2000, p.51), e os jagunços, em “misteriosas falanges de duendes” (CUNHA, 2000, p.54).

O escritor define como traço essencial do jagunço, o que considera seu fanatismo religioso aliado ao estoicismo diante de condições adversas:

O jagunço é uma tradução justalinear quase do *iluminado* da Idade Média. O mesmo desprendimento pela vida e a mesma indiferença pela morte, dão-lhe o mesmo heroísmo mórbido e inconsciente de hipnotizado e impulsivo. Uma sobriedade extraordinária garante-lhe a existência no meio das maiores misérias (CUNHA, 2000, p.58).

Tais idéias explicam e justificam a frase de Euclides com que iniciei este texto, como podemos reafirmar ao dissecá-la: “Antônio Conselheiro, espécie bizarra de grande homem pelo avesso” – o escritor fluminense inicia a construção da figura do Conselheiro, através de um paradoxo, figura que lhe servirá para registrar o desacordo entre as idéias advindas de sua formação finissecular (por exemplo, a concepção do Conselheiro enquanto herdeiro e suma da subraça sertaneja) e sua observação da realidade⁵ que, por sua vez, constata a heróica resistência dos jagunços sertanejos às investidas das forças republicanas – mais numerosas, mais bem treinadas, mais bem armadas e, teoricamente, mais capazes de determinar e executar táticas e estratégias de guerra do que as ‘falanges’ jagunças. Se os paradigmas científicos e os ideais republicanos de Euclides apontam Antônio Conselheiro como um homem terrivelmente maléfico e insano, por sua religiosidade fanática e seus atavismos raciais, ao mesmo tempo, o contacto do jornalista com os acontecimentos da Campanha mostra que esse homem - que, na visão do intelectual civilizado, resume os defeitos da raça e os revezes de seu espaço geográfico e de sua circunstância histórica - “tem o grande valor de sintetizar admiravelmente todos os elementos negativos, todos os agentes de redução do nosso povo” e não pode deixar de ser reconhecido como alguém que escapa à categoria do mediano e se erige “grande homem pelo avesso”. O traço que Euclides desenha nessa última expressão será amplamente elaborado n’**Os sertões** e constituirá a linha mestra do retrato euclidiano do Conselheiro.

Na continuidade da reportagem do dia 15, em que se encontra a primeira referência de Euclides ao Conselheiro, o jornalista agrega importantes linhas a seu incipiente retrato do beato. Observemos a citação que se exige necessariamente longa:

Vem de longe – repellido aqui, convencendo adiante, num rude peregrinar por estradas aspérrimas - e não mente quando diz que é um ressuscitado porque é um notável exemplo de retroatividade atávica e no seu misticismo interessante de doente grave ressurgem, intactos, todos os erros e superstições dos que o precederam, deixando-lhe o espantoso legado. Acredita que não morre porque pressente, por uma intuição instintiva, que em seu corpo fragílmo de evangelizador exausto dos sertões, se concentram as almas todas de uma sociedade obscura, que tem representantes em todos os pontos da nossa terra. Arrasta a multidão, contrita e dominada, não porque a domine, mas porque é o seu produto natural mais completo. É inimigo da República não porque lhe explorem a imaginação mórbida e extravagante de grande transviado, mas porque o encaixam o fanatismo e o erro. E surge agora, - permaneceu em vida latente longo tempo e devia

⁵ Sobre a questão desse desacordo entre formação cultural e observação da realidade, em Euclides (sobretudo, diante do episódio de Canudos) e na intelectualidade latinoamericana, ver GUTIÉRREZ, 1996, p.177-202)

aparecer naturalmente, logicamente quase, ante uma situação social mais elevada e brilhante, definida pela nova forma política como essas sementes guardadas há 4 mil anos no seio sombrio das pirâmides, desde os tempos faraônicos, e germinando espontaneamente agora, quando expostas à luz. (CUNHA, 2000, p.89-90.)

Se, a seguir, anotamos como as palavras acima transcritas terão inegáveis desdobramentos na sua obra maior, ressaltemos que, ao escrever **Os sertões**, Euclides convocará grandes nomes, respeitados cientistas e teóricos, brasileiros e estrangeiros, para avalizarem suas afirmações e agregarem maior credibilidade às suas engenhosas intuições e argumentações inscritas no **Diário** e na **Caderneta**.

Iniciando com a expressão- “Vem de longe”-, equivalente, na circunstância de espaço, às expressões de circunstância temporal da narrativa popular infantil – “era uma vez” – ou à bíblica – “naquele tempo” – na instauração de caráter não ordinário ou extraordinário ao relato, Euclides logo agrega a expressão “num rude peregrinar por estradas aspérrimas”, que lembra a tradicional figura do peregrino que enfrenta “ásperos” caminhos, grandes dificuldades, antes de encontrar sua Meca, ou sua Jerusalém. Prossegue, acrescentando feição mística à figura do caminhante: “- e não mente quando diz que é um ressuscitado [...] o espantoso legado.” Embora, estabeleça ruptura no tom do relato, ao classificar o beato, a partir dos conhecimentos científicos vigentes no final do século XIX, como “notável exemplo de retroatividade atávica” e ao considerar “seu misticismo interessante de doente grave”, admite-o como herdeiro de um legado de seu povo, alçando-o, pois, ao patamar dos “ungidos”:

Acredita que não morre porque presente, por uma intuição instintiva, que em seu corpo frágilimo de evangelizador exausto dos sertões, se concentram as almas todas de uma sociedade obscura, que tem representantes em todos os pontos da nossa terra. (CUNHA, 2000, p.90)

Ao confirmar e acentuar os traços apontados na frase anterior, Euclides salienta a crença do evangelizador na própria ressurreição, advinda de sua religiosidade retardatária e do fato de constituir-se em herdeiro dessa raça e dessa sociedade que ainda vive no tempo das trevas, ou seja, anterior à República. Delineia, então, o que constituirá o grande tema do livro: o embate entre civilização versus barbárie, que se desdobrará em luzes da ciência versus obscurantismo religioso; litoral versus sertões, entre tantos outros pares de antíteses que permeiam o livro:

Arrasta a multidão, contrita e dominada, não porque a domine, mas porque é o seu produto natural mais completo. É inimigo da República não porque lhe explorem a imaginação mórbida e extravagante de grandetransviado, mas porque o encaixam de ofanatismo e o erro.

E surge agora, - permaneceu em vida latente longo tempo e devia aparecer naturalmente, logicamente quase, ante uma situação social mais elevada e brilhante, definida pela nova forma política como essas sementes guardadas há 4 mil anos no seio sombrio das pirâmides, desde os tempos faraônicos, e germinando espontaneamente agora, quando expostas à luz. (CUNHA, 2000, p.89-90)

Em seu raciocínio que envolve, quase sempre, antíteses, paradoxos, contrastes esdrúxulos, oxímoros, Euclides mostra o Conselheiro como representante de uma sociedade arcaica (atentar para comparação com as sementes do antigo Egito, preservadas na obscuridade das pirâmides) que, diante das luzes da ciência e da civilização trazidas pela República, renascem, em processo considerado não só natural como lógico.

Assim, torna-se também lógica a argumentação do jornalista-engenheiro, quando afirma adiante: “o que se está destruindo neste momento não é o arraial sinistro de Canudos: - é a nossa apatia [...] são os restos de uma sociedade velha de retardatários tendo como capital a cidade de taipa dos *jagunços*... (CUNHA, 2000, p.91); ou quando propõe que, após a vitória das forças republicanas, “... siga, depois da luta, um herói anônimo sem triunfos ruidosos, mas que será no caso vertente, o verdadeiro vencedor: o mestre-escola.” (CUNHA, 2000,p.92).

A busca da veracidade histórica dos acontecimentos da Campanha de Canudos pelo jornalista⁶, que será estabelecida, explicitamente, na “Nota Preliminar” – seu contrato de leitura d’**Os sertões** –, quando se posiciona como o narrador sincero⁷, vem antecipada na reportagem do dia 20 de agosto, quando comenta: “Creio que partimos afinal por esses dias, Ajuizarei, então, *in situ*, acerca do que até agora tenho sabido através de narrativas que nem sempre se ajustam nas mesmas conclusões” (CUNHA, 2000, p.116, grifo nosso). Assim também, suas pesquisas sobre os temas relacionados ao sertão, à religiosidade na Bahia, ao Conselheiro, em busca de informações históricas comprováveis através de documentos, já se revelam nas reportagens do dia 21 e do dia 23, quando se refere a seus achados na “poeira dos arquivos” consultados na capital da Bahia, onde encontrara artigo em “jornal modestíssimo e mal impresso, a **Pátria**, de A. Félix de Paraguaçu – nº 38, de 20 de maio de 1894”, intitulado “Ainda o Conselheiro”, de que transcreve alguns trechos:

Pessoas vindas dos Canudos, hoje Império do Belo Monte, garantiram [...]

⁶ Na introdução à **Caderneta de campo**, de Euclides, Olímpio de Souza Andrade comenta que: “ouvindo, vendo, anotando para não falsear pontos fundamentais da história que contava. Perseguindo depoimentos orais e escritos [...] O documento nos revela ainda um Euclides prevenido como os raros contra as traições da memória, e as mentiras dos homens, confrontando informações, auxiliando o raciocínio, até através de desenhos ou esboços ligeiros muito bem traçados [...]”. (ANDRADE, 1975, p.XX).

⁷ “E tanto quanto o permitir a firmeza do nosso espírito, façamos jus ao admirável conceito de Taine sobre o narrador sincero que encara a história como ela o merece”. (CUNHA, 1979, p.XXIX)

que têm chegado grupos de assassinos e malfeitores ao Mundo Novo a fim de fazerem parte do 'exército garantidor das instituições imperiais'. As coisas não vão boas, e nós não escaparemos em caso de ataque. Já o Conselheiro, afora a acanalha fanatizada e assassina tem um batalhão de duzentos e tantos homens os quais fazem exercício de fogo e vigiam os arredores. Não sabemos qual será a intenção desse homem tão ignorante e criminoso, armando batalhões e aliciando gente para luta. (CUNHA, 2000,p.118)

Tendo transcrito mais alguns parágrafos, Euclides endossa as informações contidas no artigo em questão, escrevendo sinteticamente:

“Não o comentemos.

Há três anos que da pena de um sertanejo inteligente surgia a primeira página dessa campanha crudelíssima”. (CUNHA, 2000, p.119-120)

No **Diário**, Euclides revela haver consultado, também, a obra **Descrições práticas da província da Bahia**, de Durval Aires Vieira de Aguiar, de que recorta longo trecho, referente à passagem desse autor por Monte Santo, que transcrevemos a seguir, considerando que será quase totalmente endossado pelo escritor na descrição do Conselheiro n' **Os sertões**:

Quando por ali passamos achava-se na povoação um célebre *Conselheiro*, sujeito baixo, moreno, acaboclado, de barbas e cabelos pretos e crescidos, vestido de camisolão azul, morando sozinho em uma desmobiada casa, onde se apinhavam as beatas e afluíam os presentes, com os quais se alimentava. Esse sujeito é mais um fanático do que um anacoreta e a sua ocupação consiste em pregar uma incompleta moral, ensinar rezas, fazer prédicas banais, rezar *terços* e ladainhas com o povo; servindo-se para isto das igrejas, onde, diante do viajante civilizado, se dá a um irrisório espetáculo, especialmente quando recita um *latinório* que nem ele nem os ouvintes entendem. O povo costuma afluir em massa aos atos religiosos do *Conselheiro*, a cujo aceno cegamente obedece e resistirá ainda mesmo a qualquer ordem legal, por cuja razão os vigários o deixam impunemente *passar por santo*, tanto mais que *ele nada ganha* e ao contrário promove os batizados, casamentos, desobrigas, festas, novenas, e tudo mais em que consistem os rendimentos da igreja. Nessa ocasião havia o Conselheiro concluído a edificação de uma elegante igreja no *Mucambo* e estava construindo uma excelente igreja no *Cumbe*, onde a par do movimento do povo, mantinha admirável paz. (CUNHA, 2000,p.120-121)

Ao comentar as duas passagens que havia consultado na “poeira dos arquivos”, assim como quando se refere a depoimentos orais, Euclides, pouco a pouco, consolida alguns traços do Conselheiro que o ajudarão na construção de seu retrato definitivo n' **Os sertões**. No caso, seus comentários às passagens aludidas levam-no a constatar que há várias fases na vida “desse homem extraordinário”, “como períodos sucessivos

da evolução espantosa de um monstro” e a retornar à questão do “grande homem ao avesso”, ao referir-se ao Conselheiro como a “um homem fatal, tendo diametralmente invertidos, todos os atributos que caracterizam os verdadeiros grandes homens.” (CUNHA, 2000, p.122)

Na mesma reportagem, do dia 23 de agosto, merece, sem dúvida, referência obrigatória para nosso intento de buscar os traços iniciais do esboço de Antônio Conselheiro, uma interessantíssima “apreciação” matemática aí construída por Euclides:

A matemática oferece-nos neste sentido uma apreciação perfeita: Antônio Conselheiro não é um nulo, é ainda um valor, tem valor negativo que aumenta segundo o valor absoluto da sua insânia formidável. Chamei-lhe por isto, em artigo anterior, - grande homem pelo avesso. Gravita para o *minimum* de uma curva por onde passaram todos os grandes aleijões de todas as sociedades. Mas está em evidência; não se perde no anonimato da mediocridade coletiva de que nos fala Stuart Mill, embora seja inferior ao mais insignificante dos seres que a constituem. E entrará na história – pela porta baixa e escura por onde entrou Mandrin. (CUNHA, 2000, p.122-123).

O leitor d’**Os sertões** reconhecerá nesse trecho de reportagem tons iniciais que vieram a gerar ressonâncias no grande livro de Euclides quando, no conhecido capítulo IV, da parte “O Homem”, o escritor pinta impressionante e perdurável retrato do Conselheiro, conforme alguns trechos abaixo transcritos:

[...] o infeliz destinado à solicitude dos médicos, veio, impellido por uma potência superior, bater de encontro a uma civilização, indo para a história como poderia para o hospício .Todas as crenças ingênuas [...] se condensaram no seu misticismo feroz e extravagante [...] É difícil traçar no fenômeno a linha divisória entre tendências pessoais e as tendências da sociedade. (p.102) No seio de uma sociedade primitiva que pelas qualidades étnicas e influxo das santas missões malévolas compreendia melhor a vida pelo incompreendido dos milagres, o seu viver misterioso rodeou-o de não vulgar prestígio [...] A multidão poupava-lhe o indagar torturante acerca do próprio estado emotivo [...] Remodelava-o à sua imagem [...] Precisava de alguém que lhe traduzisse a idealização indefinida e a guiasse nas trilhas misteriosas para os céus... O evangelizador surgiu, monstruoso, mas autômato. Aquele dominador foi um títere. Agiu passivo, como uma sombra. Mas esta condensava o obscurantismo de três raças. E cresceu tanto que se projetou na História. (CUNHA, 1979, p.110)

Nessas passagens, Euclides retoma traço já delineado nas reportagens do **Diário** e em trechos da **Caderneta** e o desenvolve através de sofisticada argumentação,

chegando a quase inverter esse traço, pois, do homem que exerce domínio sobre o povo, constrói o títere que é, ao mesmo tempo, o guia que o povo necessita.

Retornando às reportagens do **Diário**, nelas avulta a questão da influência do meio físico na formação do beato e em sua transformação de Antônio Vicente Mendes Maciel em Antônio Conselheiro: “uma alma que num outro meio talvez vibrasse no lirismo religioso de um Savonarola, ou qualquer outro místico arrebatado numa idealização imensa. (CUNHA, 2000, p.123) Tal questão será amplamente desenvolvida nas duas primeiras partes d’**Os sertões**, constituindo uma das principais argumentações para construção de “O Homem” e, especialmente do Conselheiro.

A idéia se completa, ainda na reportagem de 23 de agosto, quando Euclides comenta a semelhança do Conselheiro com outros grandes líderes, perguntando-se:

Que diferença existe entre ele e os grandes *meneurs de peuple* de que nos fala a história? Um meio mais resumido e um cenário mais estreito apenas [...] Se recuássemos alguns séculos e o sertão de Canudos tivesse a amplitude da Arábia, por que não acreditar que o seu nome pudesse aparecer, hoje, dentro de um capítulo fulgurante de Thomas Carlyle (CUNHA, 2000, p.123-124)

Aliás, em nota ao **Diário**, Walnice Galvão acentua ter sido “nas páginas de seus [de Carlyle] livros que Euclides aprendeu a teoria do culto aos heróis, os quais, segundo aquele autor, constituem encarnações do espírito divino que levam a história avante” (CUNHA, 2000, p.124)

Anteriormente, em estudo introdutório a **Canudos (Diário de uma expedição)**, edição publicada em 1939, pela Editora José Olympio, Gilberto Freyre, ao salientar o traço escultórico do estilo de Euclides, dado ao exagero dos ângulos, “a tendencia ao monumentalismo que quase nunca o abandona”, relaciona-o à propensão euclidiana

[...] para engrandecer e glorificar as figuras, as paisagens, os homens, as mulheres, as instituições, com que se identificava [...] Nesse gosto de fixar typos heroicos em função das paisagens – ou antes da Paisagem, para elle como que mystica do Brasil mediterraneo – ninguém o excede. (FREYRE, 1939, p.XIII)

Completando essa constatação, o genial estudioso pernambucano, observa, mais adiante: “Toda a obra de Euclides está cheia de flagrantes de attitudes heroicas offerecidos pelos homens e até pelos animaes e pelas árvores nos seus momentos de resistência, de dor, de sacrifício, de fome” (FREYRE. Introdução, 1939, p.XV). Ressalva, no entanto, que no **Diário**, “Euclides se revela menos escultural na technica de escrever e de interpretar typos e scenarios nos seus momentos mais grandiosos e nos seus aspectos mais heróicos.” (FREYRE, 1939, p.XVI)

Ao referir-se, especificamente, à figura do Conselheiro legada por Euclides, escreve, ainda, Gilberto Freyre:

O vulto monumental que levantou de Antonio Conselheiro – não da pessoa do mystico, mas do seu typo de sertanejo isolado da civilização do littoral, de victima desse isolamento, de monge quase mal-assombrado cercado de beatas , de velhas, de doentes, de jagunços, de brancos , de negros, de caboclos, de centenas de brasileiros pervertidos pelo mesmo isolamento que elle, de asceta terrível dando as costas ás mulheres moças e ás paizagens macias do mar – permanece obra prima na litteratura brasileira. (FREYRE. Introdução, 1939, p. xxii)

Retornando à análise do **Diário**: no final de agosto, encontrando-se em Alagoinhas, Euclides comenta que “a falta de assunto já deve ter sido percebida”. Essa ausência “de assunto”, ou seja, de notícias da guerra, permite que o jornalista preencha o vazio de informação com idéias e comentários, o que talvez não lhe fosse possível ou não lhe ocorresse se tivesse que relatar as múltiplas ações militares que aconteciam no chamado *teatro de guerra*.

Assim, Euclides tem tempo para, pouco a pouco, criar seu retrato do Conselheiro, descrever aspectos físicos da região, assim como para refletir sobre a Campanha e analisar táticas de guerra. Nos dois últimos casos e, sobretudo ao examinar uma carta, então muito comentada, do Coronel Teles, em que o militar expõe a situação precaríssima do ‘inimigo’, escreve que “por maior que seja o peso de uma palavra, as dúvidas sobrevêm, inevitáveis, incorrigíveis” - afirmando, mais adiante, em pequena e peremptória frase-parágrafo: “Eu sistematizo a dúvida” (CUNHA, 2000, p.125), que se tornará símbolo de sua atitude diante dos fatos.

Outrossim, pode deter-se, na reportagem do dia 31 de Agosto, enviada de Queimadas, em comentários sobre “os rastos de 15 mil homens” das várias expedições contra Canudos que por lá passaram, revelando-se impressionado com a escrita dos soldados nas paredes da “igrejinha humilde” do lugar:

[...] numa caligrafia hieroglífica [...] todos os batalhões colaboraram na mesma página. Uma página demoníaca: períodos curtos, incisivos, assombrosos, arrepiadores, espetados em pontos de exclamação maiores do que lanças... (CUNHA, 2000, p.133/134)

Sua sempre extraordinária intuição leva Euclides a sensibilizar-se com “uma página demoníaca”, em “caligrafia hieroglífica” de uma escrita coletiva, de “todos os batalhões”, sobre a guerra de Canudos, como se estivesse a prever as milhares de páginas que continuam a ser escritas, por mais de um século, sobre esse triste episódio da história do Brasil.

Ainda de Queimadas, o jornalista relata sua primeira entrada na caatinga, a cavalo - “satisfazendo uma curiosidade ardente, longamente alimentada” - em que se permite explicações sobre a flora da região e interessantíssimas descrições, como de árvores pequenas e de cabeças-de-frade:

[...] galhos retorcidos e quase secos, desordenadamente lançados a todas as direções, cruzando-se, trançados, num acervo caótico de ramos desnudados- é como um bracejar de desespero, a pressão de uma tortura imensa e inexorável [...]. Parecem cabeças decepadas esparsas à margem dos caminhos. Encima-as uma única flor, de um vermelho rutilante, como uma coroa ensangüentada, aberta. (CUNHA, 2000, p.134-138)

Essas passagens já adiantam as longas descrições e explicações da flora da caatinga que, em *Os sertões*, como já se tem comentado, prefiguram a descrição dos homens nascidos dessa mesma terra-mãe, assim como a luta e o sangue derramado por esses homens na defesa de sua terra, que, afinal, haviam transformado em uma Jerusalém, e se tornam antecipações do retrato do homem-Conselheiro – síntese da terra, da flora e da fauna sertanejos.

Com relação a notícias do Conselheiro e de Canudos, respingam nas reportagens do *Diário*, anteriores à chegada de Euclides ao front, algumas informações: “Notei apenas, tratando com os velhos habitantes de Queimadas, que a influência do Conselheiro é mais ampla do que supunha.” (CUNHA, 2000, p.138). Ou: “passaram por esta povoação verdadeiras romarias em direção a Canudos. Uma imigração perfeita.” (CUNHA, 2000, p.139) Algumas dessas informações são explicitadas e detalhadas, como a da imigração dos sertanejos para Canudos.

Sobressaem, também, nas reportagens, algumas descrições admiráveis, como a do vaqueiro, que já demonstram o estilo de escrita escultural que o autor desenvolverá n’*Os sertões*, além de realçarem, paradoxalmente, a nobreza do “bárbaro inimigo”: “Imóvel sobre a sela [...] aspecto de um cavalheiro antigo coberto ainda da poeira da batalha”. (CUNHA, 2000, p.140)

É importante também referir que, já então, Euclides expõe a questão do sertanejo como cerne da nacionalidade brasileira, grande tema d’*Os sertões*: “Depois de nossa vitória, inevitável e próxima, resta-nos o dever de incorporar à civilização estes rudes patrícios que – digamos com segurança – constituem o cerne de nossa nacionalidade.” (CUNHA, 2000, p.140)

Ao lado das descrições dos lugares por onde passa, a caminho de Canudos - Tanquinho, Cansação, Quirinquinquá, Monte Santo -, Euclides continua tecendo comentários sobre pessoas e acontecimentos que lhe tocam a sensibilidade. Avultam aí: a descrição de prisioneiras e seus filhos; “duas trazem ao seio crianças de poucos

meses, mirradas como fetos”. “Das mulheres, oito são monstros envoltos em trapos repugnantes [...] Uma, porém, destaca-se [...] Olhos grandes e negros em que se reflete uma tristeza soberana (p.146/147); seu espanto ao encontrar companheiros irreconhecíveis, chegando um deles a ser “preso como jagunço”. (p.158) O fato inspira-lhe reflexão sobre o “verbo *ajagunçar-se*” (p.159), usado com o sentido de assemelhar-se aos jagunços e que incluiria outra acepção, quando comenta a capacidade dos soldados de imitarem as táticas dos guerreiros jagunços (p.167); a admiração quanto à versatilidade e à mobilidade dos jagunços: “os fanáticos distribuem de um modo notável a atividade, revezando-se, da linha de fogo para o campo onde cultivam mandioca, feijão e milho!” (p.160); explicações sobre a topografia de Canudos; a questão da sede nas fileiras do exército: “espantallo que aterra a todos que vêm ou seguem para Canudos (p.162); a descrição da belíssima *via-sacra* de Monte Santo (CUNHA, 2000,p.169-170);

Em Monte Santo, a reportagem de 7 de setembro inicia-se com uma frase nominal, curta e significativa: “Uma alvorada triste.” E os comentários que se seguem são construídos a partir das sensações antitéticas que a guerra provoca no jornalista: “As impressões aqui formam-se através de um jogo persistente de antíteses [...] Situada num dos lugares mais belos e interessantes de nosso país, Monte Santo é simplesmente repugnante.” Depois de descrever as ruas como “imensos encanamentos de esgotos, sem abóbodas, destruídos, reflete: “Tem-se a sensação esmagadora de uma imobilidade do tempo.[...] spleen mais cruel do que o que se deriva dos nevoeiros de Londres” (CUNHA, 2000,p.164-165)

Algumas observações presentes nas reportagens, como o comentário final da passagem abaixo transcrita, quando o jornalista ainda não entrara em contacto com o *teatro de guerra*, refletem deslocada ingenuidade que seria, posteriormente, corrigida n’**Os sertões**:

Antônio Conselheiro percebeu as desvantagens de uma luta leal e franca com os nossos soldados – e declarou solenemente aos bárbaros que o combatente degolado não receberia as recompensas de uma vida futura. Daí a celeridade com que fogem os *jagunços* quando ao toque de *degola!* Os soldados se embrenham de baionetas caladas pelas caatingas. Os resultados desse estratagema têm sido, como é sabido, extraordinários. (CUNHA, 2000, p.167).

Alguns dias depois dessa reportagem, Euclides assinala, finalmente, sua chegada a Canudos:

E vingando a última encosta divisamos subitamente, adiante, o arraial imenso de Canudos” [...] O arraial não se distingue prontamente, ao olhar, como as demais povoações; falta-lhe a alvura das paredes caiadas e telhados encalçados. Tem a cor da própria terra em que se erige, confundindo-se com ela na

mesma tinta de um vermelho carregado e pardo, de ferrugem velha, e, se não existissem as duas grandes igrejas à margem do Vaza-Barris, não seria percebida a três quilômetros de distância” (CUNHA, 2000,p.174-175)

Nessa primeira e longa reportagem escrita em Canudos, o engenheiro Euclides descreve detalhadamente os arredores do arraial, sua visão a partir do morro da Favela, comparando as casas dos jagunços com “as casas gaulesas de César” e com “um vastíssimo Kraal africano”, e conclui: “Lembra uma cidade bíblica fulminada pela maldição tremenda dos profetas” (p.178)

Nas quatro páginas seguintes, relata a cruenta batalha de 18 de julho, baseando-se nas informações de Gustavo Guabiru, “um dos protagonistas da luta”. E, na reportagem seguinte, que se inicia com a informação - “Completo ontem o cerco de Canudos” (p.182) -, e escrita “no meio do tumulto quase, enquanto a fuzilaria intensa sulca os ares a cem metros de distância”(p.182-183), pode, enfim, registrar sua próprias observações da guerra no *front* de Canudos: a chegada de alguns prisioneiros: “No colo de um soldado do 5º chega um outro, - tem seis meses.” (p.183); as ações que divisa: “jagunços encurralados na igreja nova e no santuário [...] O espetáculo de Canudos, presa das chamas”(p.185). A última observação o faz exclamar: “Tem a mais sólida, a mais robusta têmpera essa gente indomável!” (p.186), o que exemplifica com a engenhosidade das prisioneiras que fogem às perguntas dos interrogatórios militares com um infalível “e eu sei?”(CUNHA, 2000, p.187-189)

Em 28 de setembro, sétimo dia da morte do Conselheiro, ocorrida no dia 22, Euclides, a poucos metros do Santuário, onde o beato vivera e onde fora enterrado, ainda cogita, com os outros militares, sobre o destino do líder de Canudos, como relata em reportagem datada desse dia:

E nem um leve sinal de vida, adiante; na igreja nova nem um leve ruído; um silêncio tumular pairava solenemente sobre a ruinarina de pedra do templo gigantesco.
[...] comentava-se vivamente o acontecimento, preestabelecendo-se soluções a diferentes hipóteses prováveis.
Ter-se-ia entregue o Conselheiro?
Fora morto por algum estilhaço de granada?
Sacrificado pelos próprios sequazes desesperados ante os insucessos sucessivos dos últimos dias?
E que fazer se o trágico evangelizador se rendesse fiando na generosidade do vencedor? (CUNHA, 2000,p.198)

Após essas cogitações e comentários sobre o silêncio da noite, quebrado por disparos dos jagunços, escreve uma frase exclamativa que ficaria famosa: “Incompreensível e bárbaro inimigo!”.(p.199)

No dia seguinte, 29 de setembro, desconhecendo ainda a morte do Conselheiro,

Euclides empreende com vários dos principais chefes militares, “- um passeio em Canudos!” (p.200), de que dá detalhada notícia na reportagem datada desse dia, conferindo ou não, com os próprios olhos o que ouvira falar do arraial, admirando-se com a precariedade do interior das casas: “não se compreende a vida dentro dessas furnas escuras e sem ar” (p.202)

No dia 1º de outubro, último em que envia reportagem a partir de Canudos – tem-se como certo que deixou o arraial nesse dia ou na madrugada do dia 2 –, Euclides descreve o bombardeio das forças do Governo a Canudos e faz seus comentários finais sobre a Campanha: “Sejamos justos – há alguma coisa de grande e solene nessa coragem estóica e incoercível, no heroísmo soberano e forte dos nossos rudes patrícios transviados e cada vez mais acredito que a mais bela vitória, a conquista real consistirá no incorporá-los, amanhã, em breve, definitivamente, à nossa existência” (CUNHA, 2000, p. 204-208).

E termina, o que viria a ser, posteriormente, chamado de **Diário de uma expedição**, com um parágrafo⁸ sobre os sibilos das balas que cortam sua última noite em Canudos:

A noite desceu serenamente sobre a região perturbada do combate e rasgando o seio da noite, caindo insistentes, sobre todos os pontos da linha de cerco, sibilando em todos os tons sobre o acampamento, inúmeras, constantes, da zona reduzida em que se encontravam os jagunços, irrompiam balas. (CUNHA, 2000,p.221)

A narrativa que Euclides deixa inconclusa em seu **Diário** será concluída, n’**Os sertões**, com palavras que restam gravadas a ferro e fogo na memória e no imaginário dos brasileiros:

Canudos não se rendeu. [...] Forremo-nos à tarefa de descrever seus últimos momentos [...] comissão adrede escolhida descobrira o cadáver de Antônio Conselheiro. Jazia num dos casebres anexos à latada [...] Desenterram-no cuidadosamente. Dádiva preciosa – único prêmio, únicos despojos opimos de tal guerra [...]Fotografaram-no depois. [...] Restituíram-no à cova. Pensaram, porém, depois em guardar a sua cabeça tantas vezes maldita [...] uma faca jeitosamente brandida [...] cortou-lha; e a face horrenda, empastada de escaras e de sânie, apareceu ainda uma vez ante aqueles triunfadores ... (CUNHA, 1979, p.407-408)

E deixa à posteridade seu último retrato do Conselheiro, que teria correspondência visual na única fotografia até hoje conhecida do beato, imortalizada por Flávio de Barros, fotógrafo baiano que registrou a última expedição a Canudos.

⁸ O mesmo parágrafo, com pequenas alterações, fora, anteriormente inscrito na *Caderneta* (CUNHA, 1975, p.35).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Olímpio de Souza. **Introdução : Um caderno de bolso de Euclides em Canudos; nascedouro de Os sertões.** In: CUNHA, Euclides da. **Caderneta de campo.** Introdução, notas e comentários por. São Paulo: Cultrix; Brasília: INL/MEC, 1975, p. XI - XXXII.

CUNHA, Euclides da. **Caderneta de campo.** Introdução, notas e comentários por Olímpio de Souza Andrade. São Paulo: Cultrix; Brasília: INL/MEC, 1975.

_____. **Canudos (Diário de uma expedição).** Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1939.

_____. **Diário de uma expedição.** Organização de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. [Retratos do Brasil]

_____. **Os sertões.** Campanha de Canudos. 28ª edição. Rio de Janeiro: F. Alves; Brasília: INL, 1979.

FREYRE, Gilberto. Introdução. In: CUNHA, Euclides da. **Canudos (Diário de uma expedição).** Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1939, p.VII - XXV.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Introdução. In: CUNHA, Euclides da. **Diário de uma expedição.** Organização de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.11-28.

_____. Introdução. In: CUNHA, Euclides da. **Os sertões.** Campanha de Canudos. 28ª edição. Rio de Janeiro: F. Alves; Brasília: INL, 1979.

GUTIÉRREZ, Angela. **Vargas Llosa e o romance possível da América Latina.** Fortaleza: Edições UFC; Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.